

Calar o outro: racismo, jornalismo e literatura no episódio de censura ao livro “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório¹

Isabela Barbosa Cardoso²

João Barreto da Fonseca³

Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ

Resumo

Apesar de ser vencedor do prêmio Jabuti, a maior gratificação da Literatura Brasileira, e abordar temas de interesse social, *O avesso da pele* viralizou na internet por ter sido banido de escolas no Sul. A obra retrata a história de um professor negro morto durante uma abordagem policial, que representa uma versão da história normalmente apagada. A repercussão do caso nos meios de comunicação e o repertório bibliográfico são os principais objetos de estudo para essa pesquisa para entender quais foram as abordagens utilizadas e o que elas representam. A pesquisa inicial explorou tentativas de apagar discussões sobre o letramento racial na construção de diferentes versões da história, afetando a construção da cidadania.

Palavras-chave: Racismo; Censura; Literatura; Cidadania; Discurso

1. Introdução

O avesso da pele, de Jeferson Tenório, trata da reconstrução da história do professor de literatura Henrique, negro e sulista, pelo seu filho, Pedro. A narrativa aborda assuntos como violência policial contra pessoas negras, racismo estrutural, defasagem do ensino público e paternidade. O livro foi recolhido de escolas sulistas para análise em março de 2024, quando Janaína Venzon, diretora da Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira, em Santa Cruz do Sul (RS), gravou um vídeo em que lia um trecho da obra e se manifestava assim: “lamentável um governo federal mandar esse tipo de linguagem para ser trabalhado com adolescentes dentro de uma instituição de ensino”.

A obra, traduzida em 16 idiomas e, de acordo com a lei 10639/2003, inserida no

¹ Trabalho financiado pela CNPq, 005/2024/PROPE, e submetido na II07 - Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação, 5º semestre, do Curso de Jornalismo da UFSJ, email: belabarbosacardoso@gmail.com

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFSJ, email: jombarreto@gmail.com

Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), viralizou na internet por ter sido temporariamente recolhida de escolas públicas de pelo menos quatro estados: Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul, sob a justificativa de “trazer cena de sexo impróprias para menores”, conforme informação do site Correio.

Após o episódio, surgiram manifestações de defesa e de condenação. No entanto, com base em informações distorcidas, pessoas criticaram a obra como imprópria para crianças. Tenório, ao ressaltar que o livro não é indicado para crianças e sim para leitores acima de 14 anos, concluiu que boa parte da discussão foi conduzida por má-fé.

2. Metodologia

O presente trabalho experimenta uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e interpretativo, com o objetivo de compreender os impactos da censura à obra *O Averso da Pele* a partir da articulação entre racismo estrutural, literatura e discurso jornalístico. A pesquisa fundamenta-se nas estratégias metodológicas: análise documental, análise de discurso e pesquisa bibliográfica.

A análise documental foi realizada a partir da coleta e estudo de matérias jornalísticas, entrevistas com os envolvidos, dados de venda e postagens em redes sociais que repercutiram o caso de censura. Os materiais foram selecionados com base em sua relevância para compreender os desdobramentos da censura, os agentes envolvidos e os argumentos mobilizados para defesa ou crítica.

De forma complementar, foi aplicada a análise de discurso com base nos pressupostos de autores como Judith Butler (2021) e Byung-Chul Han (2023) para focar na performance da linguagem e na construção social das narrativas de poder. Essa etapa teve como objetivo identificar os sentidos atribuídos ao livro censurado e os efeitos de sentido produzidos por diferentes sujeitos sociais no ambiente midiático e digital.

Como embasamento teórico para sustentar os argumentos apresentados, a pesquisa também se fundamenta em uma revisão bibliográfica de autores que tratam das temáticas do racismo estrutural e da formação cultural e educativa, como Bell Hooks (2017), Cida Bento (2022) e Chimamanda Adichie (2010).

A escolha desse caso se justifica pela sua relevância no debate atual sobre cidadania, liberdade de expressão, educação, decolonização e representação racial na literatura contemporânea brasileira. Assim, a pesquisa busca compreender como as tentativas de censura literária se relacionam às disputas que permeiam o espaço escolar e a esfera pública.

3. A Censura

O ato de censurar se modelou ao longo da história, sendo observado por Riso e Ramos (2022) que, repetidamente, “foi imposto pelos mais poderosos com o uso da autoridade, da força, da dependência, da barganha e até da violência, para tirar a voz”. Na atualidade, a censura pode se apresentar de diversas maneiras, como a ‘censura pela multidão’ Waisbord (2020) e o recolhimento de obras literárias.

A partir do uso de sua autoridade, Janaína Venzon justificou que “O avesso da pele” iria contra as boas práticas e valores do corpo docente e assinou um documento para recolher o livro das escolas. Em entrevista ao Portal Gaz, a diretora afirmou não ter lido o livro. Para o mesmo portal, Tenório explicou que o trecho usado para infamar a obra representa a objetificação de corpos negros e afirmou que o “livro não é sobre sexo ou sexualidade, é sobre o efeito do racismo nas pessoas negras”. Assim, o recolhimento representa a tentativa de silenciar discussões com temática racial camuflada em ‘bons costumes’, o que leva ao perigo da história única, abordado por Adichie (2010).

O avesso da pele perpassa o racismo que permeia a vida das personagens por causa das histórias únicas. Césaire (2020) argumenta que a imagem do negro bárbaro é produto de um pacto epistêmico europeu bem estruturado, cuja repetição garante a dominação das elites. Hooks (2017) explica que os sistemas de dominação racial se sustentam pelo controle da produção de conhecimento que reduzem os espaços analíticos de oposição para perpetuar o silenciamento. Silenciar a discussão de obras como “O avesso da pele” em sala de aula é, assim, fortalecer o racismo brasileiro e sustentar a dominação racial.

Outro caso de censura de 2024 é a retirada de circulação do livro *Quem tem medo do gênero?*, da filósofa estadunidense Judith Butler. O pretexto utilizado para o

processo que levou ao recolhimento de todas as edições do livro foi uma fotografia, devidamente creditada, tirada, em 2017, durante uma manifestação contra Judith Butler, nessa fotografia, a personagem da editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Casa Publicadora Brasileira (CPB), Quico, aparece. A justificativa principal para a censura do livro foi que a edição de “Quem tem medo do gênero?” seria “totalmente alheia à filosofia original do personagem Quico”.

Sendo assim, o contexto de cada censura oferece pistas sobre o cenário sociopolítico em que essa restrição ocorre. Historicamente, a censura literária muitas vezes é justificada por argumentos morais, políticos ou religiosos, simplificando questões mais complexas e ignorando as reais motivações subjacentes. A título de exemplo, diversas obras já foram censuradas em diferentes períodos e locais, como: Feliz Ano Novo, de Rubem Fonseca, censurado pela Ditadura Militar por ferir a moral e os bons costumes; O crime do padre Amaro, de Eça de Queirós, incomodou a Igreja Católica em Portugal, que julgou que havia um "teor erótico" que desrespeitava o celibato clerical; Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez, foi banido na Rússia, Irã e Kuwait por conter muitas cenas com "apelo sexual"; O Diário de Anne Frank, relato verídico da adolescente que morreu em um campo de concentração nazista aos 15 anos, teve a sua versão integral considerada imoral em diversas escolas americanas por trazer relatos dos anseios sexuais da autora.

Motivações similares — como a suposta afronta aos bons costumes e a presença de cenas de teor sexual — foram utilizadas para justificar o recolhimento de O Avesso da Pele em escolas de alguns estados sulistas. No entanto, ao analisar o contexto sociopolítico atual, observa-se que os movimentos de extrema direita e a valorização de políticas autoritárias têm sido acompanhadas de tentativas de silenciar discussões sobre minorias sociais. Exemplos disso incluem os ataques à democracia no Brasil em 8 de janeiro de 2023 e medidas restritivas nos Estados Unidos, durante o governo Trump, voltadas contra imigrantes e pessoas trans.

Dessa forma, pode-se questionar se a real motivação por trás da tentativa de censura ao romance de Jeferson Tenório está, de fato, ligada ao conteúdo do livro ou se há uma intenção subjacente de eliminar debates sobre letramento racial no ambiente

escolar. A manutenção de uma história única que reforça estereótipos e invisibiliza suas vivências reais contribui para a perpetuação do racismo. Afinal, como ressaltou o escritor, “o mais curioso é que as palavras de ‘baixo calão’ e os atos sexuais do livro causam mais incômodo do que o racismo, a violência policial e a morte de pessoas negras.” Os trechos a seguir são bastante ilustrativos:

Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: eu não fiz nada. Depois começou a perder os sentidos. Então alguém sacou uma arma e apontou para a sua cabeça, você ainda pode ouvir um deles gritando: nós vamos te passar, neguim, tu vai morrê agora, neguim. (p. 18)

O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo sua casa. Um tiro certeiro na tua cabeça. Os outros vieram simultaneamente. (p. 177)

Além de manter uma história única, censurar “O avesso da pele” corrobora com o pacto narcísico da branquitude trabalho por Bento (2022), pois o discurso de sexualização usado para camuflar a motivação real da censura, não só impede a discussão em sala de aula, como difama o autor negro, apaga narrativas não-hegemonicas e a possibilidade de referências negras. Entre os 46 privilégios brancos elencados por McIntosh (1989), está: se verem amplamente representados. O pacto não-verbalizado que mantém o privilégio de pessoas brancas e perpetua a homogeneidade masculina e branca nos processos, sistemas de valores e perfil de poder se faz, assim, presente na tentativa de censurar a obra.

4. Repercussão da censura de “O avesso da pele” nas mídias digitais

O caso ganhou grande repercussão nas plataformas digitais, tanto no nicho literário (*booktok*, *booktube* e *bookgram*), quanto fora dele, em principal, no X. Com tudo isso, *O avesso da pele* chegou a ser o livro mais vendido da Amazon, com aumento de 400% nas vendas uma semana após o início da polêmica.

Em sua maioria, quem leu *O avesso da pele* classificou o livro como uma obra prima contemporânea. Outros usuários concordaram com o recolhimento e questionaram o uso da palavra censura, como @eduardoagnes6096 que comentou no YouTube: “Censura? Esse teu livro não foi censurado, só não pode estar nas escolas,

simples”. Para o autor, o caso “deve ser tratado como censura porque a censura tem a ver com restringir o acesso ao livro, impedindo o acesso não só a literatura, mas à cidadania”.

Retomando Adichie (2019), o perigo da história única e dos estereótipos não está na inverdade do que é contado, mas em tudo aquilo que é omitido e apagado. Para grande parte do público, a história única de “O avesso da pele” foram as três linhas divulgadas com indignação por Janina Venzon.

No X, a vereadora Fernanda Barth foi uma das pessoas que reforçou a narrativa de que o livro seria uma obra pornográfica e disseminou a notícia falsa de que era uma leitura obrigatória pela esquerda. Na verdade, O avesso da pele entrou para o PNLD durante o governo Bolsonaro, em 2022. Apesar de a obra estar na lista, a escolha dos livros adotados em sala de aula é feita pelos educadores de cada escola a partir do Guia Digital.

Em uma publicação de Tenório para as redes sociais, o autor afirmou que a tentativa de censurar sua obra reflete que “as distorções e fake news são estratégias de uma extrema direita que promove a desinformação”. De acordo com Han (2023), em face da crescente crise das formas narrativas, as narrativas extremistas de direita como essa atendem à necessidade da população por desfechos.

A publicação de Fernanda Barth resultou em respostas com discurso de ódio como a dos usuários: João Guilherme Alvarenga (@JooGuil47289398), que respondeu “É o satanismo atacando na educação tbm... Pq não levar esse responsável à prisão??”; Vera Cunha (@CunhaLucare), que publicou “Sem palavras para descrever *essa agressão, esse verdadeiro estupro com nossos adolescentes, crianças e jovens! Isso é grave demais!*”; Zorrer (@edzorrer), com as palavras “Esse tipo de livro forma apenas prostitutas!”.

A usuária do X, Maria (@damadanoite14), publicou: “Jeferson Tenório escritor do livro O avesso da pele. Um recado para este cidadão: Ofereça os livros eróticos para seus filhos, familiares e amigos! *Deixem nossas crianças em paz!*” e respondeu ao usuário Arthur Filho (@arthurlf) que questionou a cartilha do MEC: “É mentira deles, os professores podem apenas escolher os livros didáticos! Os livros de literatura vem

em pacotes fechados, tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio, e os professores não tem nenhum poder de escolha! Minha irmã é professora!”, propagando, assim, outra fake news que já havia sido desmentida. Além disso, as respostas nessa publicação apresentam calúnia, injúria e difamação contra o autor: Claudecir (@FragaClaudecir) respondeu “a cara de pedófilo desse sujeito”, Juju Fernandes (@JJussarita) publicou “livro de mer..a com conteúdo pornográfico para crianças! Escritor lixo, vendido!”, entre diversos outros comentários e respostas injuriosas na rede social.

4.1 Regulamentação das redes sociais

De acordo com o Tribunal da Justiça, calúnia, difamação e injúria são crimes contra a honra que podem afetar a reputação ou o respeito pessoal de uma pessoa. Todos esses atos criminosos estão relacionados com o discurso de ódio e com o efeito do ato de fala que produz estranha encenação da imanência linguística, como explica Butler (2021). Ao incitar o discurso de ódio, o sujeito responsável por ele dissemina mensagem de exclusão e desumanização, que fere a dignidade e os direitos humanos da vítima.

As ofensas e a disseminação de notícias fraudulentas percebidas no caso de censura de “O avesso da pele” são constantes nas redes sociais, mas a regulação jurídica dos espaços virtuais ainda é polêmica por ser considerada como limitação da liberdade de expressão. Butler (2023) indica que o motivo para que nem todo discurso seja protegido por esse viés é que o discurso racista, por exemplo, entra em conflito com a Cláusula de Proteção Igualitária da Declaração Universal dos Direitos Humanos - “todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei” - ao impedir que o sujeito abordado exerça seus direitos de liberdade.

Gonzaga (2023) explica que existem quatro principais vertentes em relação a essa regulamentação: autorregulação; tutela por meio de tratados e convenções internacionais; tutela por meio dos institutos tradicionais; e tutela mista. No entanto, Gonzaga (2023) conclui que “de fato, a ausência de regulamentação das redes sociais no Brasil, sob a ótica da disseminação de fake news, constitui ameaça direta à democracia vigente no país”.

5. O Averso da Pele

A estrutura narrativa escolhida por Jeferson Tenório para “O avesso da pele” é majestosa. Após a morte do pai, Pedro começa a narrar a vida de Henrique e de Martha por meio de digressões e, então, temas como educação, paternidade, racismo e diferentes experiências de vivências negras passam a fazer parte da obra. Essa estrutura não apenas torna o relato mais íntimo e doloroso, como intensifica o sentimento de ausência e luto que permeia a obra. De forma que amplia o impacto afetivo da leitura, narrativa não segue uma estrutura linear: Pedro resgata lembranças da infância, momentos de sua relação com o pai e sua própria jornada como homem negro em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. A fluidez do texto e o tom reflexivo criam uma experiência quase poética. Tenório não apenas conta uma história, mas convida o leitor a sentir a dor da perda e a complexidade das relações raciais no Brasil.

Como resultado de uma série de escolhas certas, o livro foi vencedor do Prêmio Jabuti em 2021. Além da estrutura narrativa, outra escolha certa é a capa do romance: a tela *Trampolim*, da série *Banhistas*, de Antonio Obá. Na série, o pintor referencia um episódio marcante na luta do movimento negro antissegregacionista nos Estados Unidos, em 1964, quando um grupo de manifestantes ocupou a piscina do hotel Motor Lodge, na Flórida. Nessa ocasião, o ativista, Martin Luther King Jr haveria tentado almoçar no hotel e sido impedido e preso. Como protesto, um grupo de manifestantes mergulhou na piscina do hotel, quando o gerente despejou um galão de ácido muriático na água. Obá explica que “A água, que a priori é para todos, aqui se torna um símbolo de segregação e luta. Na imagem do quadro, vemos um banhista prestes a pular na água. Para mim, o que está em jogo é uma espécie de batismo de fogo”.

A capa não foi pintada para o livro, mas escolhida por Jeferson Tenório para compor a obra, pois, como afirma o autor, sentiu que a obra dialogava profundamente com o romance ao vê-la pela primeira vez. Ele explica:

Na imagem vemos um homem negro, num trampolim, concentrado, como se estivesse numa prece, preparando o corpo para um mergulho em uma piscina interna. Dentro de uma casa, compondo uma atmosfera mais intimista, particular. Talvez a metáfora da jornada de Henrique e

Pedro ao buscarem suas subjetividades. Um mergulho para além da cor da pele. Uma luta para preservar seus afetos. Um trampolim em busca do avesso.

A interarte entre música e literatura é abordada sutilmente ao longo da narrativa, o que desperta ainda mais o afeto e a poesia do leitor. São abordadas diversas canções que fizeram parte da vida de Henrique e de Pedro, em especial “Abundantemente morte”, de Luiz Melodia. Em geral, essa música enfatiza a morte e sua ubiquidade na vida humana, que no caso de Henrique e do leitor de “O avesso da pele” esteve sempre presente. Isso porque, ainda na sinopse, é revelado que Henrique morre em uma abordagem policial, mas as violentas abordagens policiais são constantes na vida de Henrique, o que mantém presente o sentimento de apreensão durante toda a obra e durante toda a vida do professor negro. Estudo realizado pela Rede de Observatórios da Segurança revelou que o aumento no assassinato de negros pela polícia foi realidade nos 5 estados pesquisados: Rio de Janeiro, São paulo, Bahia, Pernambuco e Ceará. Assim, medo e apreensão presentes na história são embasados na realidade brasileira de pessoas pretas.

6. Conclusão

A censura ao livro *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, insere-se em um contexto sociopolítico de silenciamento de narrativas contra-hegemônicas. A análise do caso revelou que a censura foi justificada por um suposto conteúdo inapropriado para adolescentes, com foco em um trecho isolado e descontextualizado. No entanto, a discussão levantada por Tenório na obra ultrapassa esse recorte e expõe as violências sistêmicas que afetam a população negra no Brasil, como em “sempre que podia, Luara dizia algo sobre os resquícios da escravidão, sobre as dificuldades de conseguir emprego por causa da cor e sobretudo como os brancos eram racistas em Porto Alegre” (p.32). A pesquisa evidenciou a maneira como a censura literária, historicamente, tem sido utilizada como ferramenta de controle ideológico ao usar da proibição sob pretextos morais, religiosos ou políticos. No caso de *O Avesso da Pele*, a restrição do acesso à obra está menos relacionada ao conteúdo sexual de um pequeno trecho e mais ao desconforto gerado por sua abordagem sobre racismo e violência policial.

O caso também evidencia a desinformação, um fenômeno cada vez mais presente nas redes sociais, e demonstra como a desregulamentação do ambiente digital permite que discursos de ódio e desinformação prosperem. A repercussão da polêmica nas plataformas digitais, em especial no X, revelou como narrativas distorcidas podem ser amplificadas por figuras públicas e usuários comuns.

O aumento exponencial da venda do livro após a polêmica indica que a comunidade literária está disposta a enfrentar esses debates, mas também ressalta o risco de que, sem a presença de discussões estruturadas em sala de aula, o conhecimento sobre racismo e violência estrutural continue restrito a uma parcela da população. Garantir que livros como “O Averso da Pele” permaneçam acessíveis no contexto educacional é um passo essencial para garantir o letramento racial, o cumprimento da lei 10639/2003 e a construção de uma sociedade mais crítica, consciente e antirracista.

Referências bibliográficas

- TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- HOOKE, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- MCINTOSH, Peggy. **Privilegio branco: desembalando a mochila invisível**. 1989 in BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- GAZ, P. **Janaína Venzon e Jeferson Tenório falam sobre polêmica envolvendo o livro “O Averso da Pele”**. YouTube, 5 mar. 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/IQQwdu10NEg?si=EF8dZ01F6Gb6LBhB>>. Acesso em: 28 mar. 2025
- ADICHIE, C. N. **The Danger of a Single Story**. TED Talk, 7 out. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 28 mar. 2025
- Muita gente tenta calar Judith Butler**. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2024/07/18/muita-gente-tenta-calar-judith-butler/>>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- RISSO, Carla de Araújo e RAMOS, Daniela Osvald. **Yes, we have censura: censura clássica e novos tipos de censura no Brasil contemporâneo**. 2022, Anais.. João Pessoa: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003127858.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2025.
- GONZAGA, Isabela Franco. **A necessidade de regulamentação das redes sociais para a manutenção da democracia no Brasil**. 2023, Campinas: Escola de Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2023. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/9fcd19d-d669-4123-a768-595ffaf02bde/content>. Acesso em 12 mar. 2025.